



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1503>



Memórias e reflexões: história oral em movimento

Antonio Torres Montenegro*

ORCID iD 0000-0003-0670-2049

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil

Resumo: Este artigo narra uma série de experiências vivenciadas na caminhada com a Associação Brasileira de História oral (ABHO) e a International Oral History Association (IOHA) e em projetos de pesquisa utilizando a metodologia da história oral que, com o passar dos anos, transformaram-se em memórias. É uma elaboração pessoal e social construída, sobretudo, nas décadas de 1990 e 2000, quando participei de forma mais efetiva dos Encontros de História Oral em nível regional, nacional e internacional. Também compartilho algumas reflexões teóricas e metodológicas que os projetos de pesquisa realizados a partir da metodologia da história oral permitiram desenvolver.

Palavras-chave: ABHO e IOHA memórias. Memória social e individual. Memória e tempo.

Memories and reflections: oral history in motion.

Abstract: This article narrates a series of experiences during the journey with Associação Brasileira de História oral (ABHO) and International Oral History Association (IOHA) and in research projects using the oral history methodology that over the years turned into memories. It is a personal and social elaboration built, above all, in the 1990s and 2000s when I participated more effectively in Oral History Meetings at the regional, national and international level. I also share some theoretical and methodological reflections that the research projects carried out using the oral history methodology allowed us to develop.

Keywords: ABHO and IOHA memories. Social and individual memories. Memory and time.

Primeiras memórias

* Graduado em Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Mestrado e Doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutorado na New York State University, em 2000. Pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2016. E-mail: antonio.montenegro@ufpe.br.

A trilha construída pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) ao longo de três décadas tem a marca de centenas de pesquisadoras e pesquisadores que participaram e participam de inúmeras maneiras dessa caminhada. É significativo assinalar que há diversos projetos de memória de empresas, de famílias ou mesmo acadêmicos realizados por profissionais que não têm vinculação com a ABHO. Por outro lado, é importante registrar que essa associação sempre manteve um perfil acadêmico e democrático.

A criação da ABHO, no II Encontro Nacional de História Oral em 1994, ocorreu por iniciativa de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Ou seja, da História, da Sociologia, da Educação, da Antropologia e da Ciência Política. Esse registro é significativo porque na sessão em que foi aprovado os estatutos da ABHO, no Capítulo I – da caracterização, em seu Art.1º, que definiu as características da associação que estava sendo fundada – o termo história oral gerou um importante debate. Muitos pesquisadores e pesquisadoras não historiadores defendiam com muita propriedade que realizavam entrevistas orais em suas pesquisas, mas não faziam história oral. A forma construída para contemplar, no estatuto, esses profissionais foi adicionar no Art.1º, o § 1º em que é dito “Por história oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada.”¹

Neste Encontro de fundação da ABHO estiverem presentes professoras(es)/ pesquisadoras(es) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas(CPDOC-FGV), do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Casa Rui Barbosa e da Casa Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo (CERU-USP), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Núcleo de Documentação (NUDOC) do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) e de universidades de diversos estados do Brasil.

A primeira diretoria eleita teve como presidenta a profa. Marieta de Moraes Ferreira (CPDOC-FGV) e vice-presidenta Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (CERU-USP).² Um dos desafios na criação da ABHO, sobretudo nos primeiros anos, foi garantir o funcionamento das cinco diretorias regionais. Estas seriam responsáveis por realizar encontros a cada dois anos, não coincidindo com o encontro nacional (Corrêa, 2013, p. 127). As diretorias regionais foram pensadas como uma estratégia para a associação construir uma representatividade nacional que hoje, passadas três décadas, pode-se reconhecer que foi alcançada. A organização e a mobilização de pesquisadores

1 Disponível em: <https://www.historiaoral.org.br/estatuto>. Acesso em: 14 maio 2024.

2 Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=35. Acesso em: 14 de maio 2024.

e pesquisadoras promovida pela ABHO se refletiu nos encontros internacionais, promovidos pela International Oral History Association (IOHA). A presença brasileira após 1994 se tornou tão significativa que concorreu para redefinir a eleição da primeira diretoria da IOHA na IX Conferência realizada na Universidade de Gothenburg, na Suécia, em 1996, que teve como tema “ Comunicando experiências” (Vilanova, 1998).

Americanos do Sul, do Norte, europeus e latinos na IOHA

A memória que construí dessa conferência é constituída por imagens de, aproximadamente, vinte pesquisadores e pesquisadoras brasileiras de diversas universidades do Brasil participando da assembleia que elegeria a primeira diretoria da IOHA.

À medida que se aproximava o dia da assembleia que elegeria o primeiro presidente da IOHA e os demais membros da diretoria,³ as conversas nos bastidores apontavam que o candidato a ser eleito já estava definido, seria o britânico Paul Thompson. Este, por sinal, não estava presente na conferência. Assim, iria ser eleito um candidato que não teria oportunidade de defender seu programa ou seus objetivos enquanto primeiro presidente eleito da IOHA.

No entanto, nós do Brasil não apoiávamos de forma nenhuma aquela candidatura. Talvez em razão de a maioria de nós sermos neófitos na articulação de bastidores da política da história oral internacional, a oposição que expressamos não foi considerada pelos demais colegas europeus e americanos do Norte.

As razões da oposição das brasileiras e brasileiros àquela candidatura me obriga a abrir um parêntese e relatar o que concorria para essa oposição. Retorno ao ano de 1992, quando é traduzido e lançado, no Brasil, *The voice of the past: oral history* [1978]. Em 1995, alguns pesquisadores de São Paulo convidaram Paul Thompson para fazer conferências. Após eventos realizados na USP e em outras do Sudeste, fomos surpreendidos com uma publicação dele, em uma revista internacional, em que acusa a ABHO – recém-fundada – de elitista. Não interessam os detalhes dessa história, mas o fato de que isso gerou, na maioria de nós, uma grande indignação. Um comportamento desrespeitoso de alguém que desconhecia inteiramente a história da ABHO e dos seus grupos de pesquisa. Em síntese, uma postura colonialista, como é muito próprio de alguns europeus e americanos do Norte (Corrêa, 2013, p. 478).

Por outro lado, passamos a defender a candidatura da historiadora Mercedes Vilanova Ribas, da Universidade de Barcelona. Ela esteve presente na conferência

3 Até então, nas oito conferências anteriores, os pesquisadores e pesquisadoras que utilizavam a metodologia da história oral se reuniam sem uma diretoria formalizada. Informações do site da International Oral History Association (IOHA). Disponível em: <https://ioha.org/about/>. Acesso em: 14 maio 2024.

de fundação da ABHO no Rio de Janeiro e a equipe do CPDOC-FGV iniciou um intercâmbio acadêmico muito profícuo. Porém, nas conversas de bastidores antes da assembleia da eleição para a primeira diretoria da IOHA em Gothenburg, a própria Mercedes Vilanova não se dispôs a aceitar a propositura de ser lançada como oposição à candidatura de Paul Thompson.

Ao iniciar a assembleia-geral para eleição da diretoria da IOHA, quando o nome de Paul Thompson foi lançado, para a surpresa dos colegas americanos do Norte e europeus, nós sugerimos Mercedes Vilanova para presidenta. Esse foi um momento de estupefação para muitos e de suspense e tensão para nós, pois não sabíamos se a historiadora acataria a indicação. Porém, ela não se manifestou e sua candidatura foi oficializada.

Realizada a eleição, Mercedes Vilanova foi eleita a primeira presidenta da IOHA com o apoio unânime de brasileiros e colegas latino-americanos, sobretudo mexicanos e argentinos. A vice-presidência foi ocupada pela historiadora Marieta de Moraes Ferreira.

Ainda como memória da assembleia que destronou a articulação de bastidores que estava convencida da eleição de Paul Thompson, surpreendi-me com as palavras de Ronald Grele. Ele se dirigiu à frente da assembleia, após o final da contagem dos votos que elegeu Vilanova, tomou o microfone e, embora não pudesse esconder seu desapontamento, suas palavras iniciais foram “I love you all”. Mesmo com longa experiência de assembleias docentes, nunca tinha assistido uma manifestação tão cordial como aquela, ainda que carregada de desapontamento.⁴

Foi por essa trilha que o Rio de Janeiro, entenda-se o CPDOC-FGV e a ABHO, aceitou o desafio de sediar a X Conferência da IOHA, que ocorreu em 1998. Também no encontro do Rio, que teve como tema “História Oral: desafios para o século XXI”, Mercedes Villanova foi reeleita presidente da IOHA e Marieta de Moraes, vice-presidente, para mais um mandato, até o ano 2000 (Vilanova, 2001). A presidente da IOHA reeleita, em sua fala na abertura do X Encontro no Rio de Janeiro, afirmou:

Como presidenta da Associação Internacional de História Oral (IOHA - International Oral History Association), tenho o prazer de dar as boas-vindas a esta histórica conferência internacional, a primeira na América do Sul. Uma boa coisa desta conferência é que posso falar em minha própria língua, o que significa que não terei de traduzir como, por exemplo, quando estou na Europa - algo que os que falam inglês raramente têm de fazer. Não terei de traduzir porque, espero, nesta plateia, a maioria das pessoas pode me compreender. [...] Este momento é importante porque, pela primeira vez, nos reunimos sob os auspícios de três instituições: a Associação Brasileira de História Oral, o CPDOC da Fundação

4 Ronald Grele foi diretor emérito (aposentado) do Centro de História Oral da Universidade de Columbia (Columbia University Oral History Research Office). Faleceu em 13 de dezembro de 2023. Para mais informações sobre este historiador recomendo: Magalhães (2020).

Getúlio Vargas e a IOHA que deu todo o apoio de que foi capaz. É a primeira vez que se dá uma participação deste tipo. Passamos de um comitê de pessoas designadas por cooptação, que tomava as decisões arbitrariamente, a reger-nos por estatutos e a aceitar o compromisso de nos submetermos às decisões da Assembleia Geral dos membros da IOHA. Mas, além disso, os organizadores desta conferência quiseram ampliar o debate a todos os participantes e amanhã, depois da intervenção de Philippe Joutard, manteremos uma sessão de debate aberta a todos que quiserem participar. (Vilanova, 2000, p. 19).

De fato, Mercedes Vilanova imprimiu uma governança com bastante diálogo e criou canais de maior comunicação entre os participantes da IOHA. Ao fim do encontro foi publicado um livro com textos das conferências realizadas e das mesas redondas, organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti.

Na assembleia da IOHA no Rio de Janeiro foi aprovado como sede do XI Congresso da IOHA a Universidade de Bogaziçi, em Istambul (Vilanova, 2000). A professora Arzu Özturkmen e o professor Günhan Danisman, do Departamento de História da Universidade de Bogaziçi, coordenaram a equipe responsável pela realização do Congresso. Mercedes Vilanova relata no boletim da IOHA – *Palabras y Silencios* – de junho de 2002 a pressão que foi alvo o comitê organizador, para censurar “determinados Comunicantes “no gratos” para el gobierno turco”. No entanto, essa pressão foi rechaçada com firmeza pelo Comitê Organizador e por toda diretoria da IOHA. Dessa forma, o Congresso foi realizado sem interferência do governo, se constituindo no maior problema vivido pela IOHA desde sua fundação (Vilanova, 2002).

A significativa presença de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil nas Conferências da IOHA começaram a incomodar os europeus e americanos. Afinal, a diversidade de pesquisas e a abordagem teórico-metodológica que o Brasil apresentava nesses encontros era também sinônimo de poder. É nesse cenário que na XIII Conferência em Roma a política de discriminação da participação dos representantes do Brasil se tornou evidente: 60% dos trabalhos enviados não foram aceitos sem qualquer justificativa plausível (Corrêa, 2013).

Recordo que, na abertura do XIII Encontro Nacional de História Oral – “História Oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade” –, a conferencista profa. dra. Kristina R. Llewellyn, da Waterloo University, Canadá, iniciou relatando que consultou Alessandro Portelli sobre a história oral no Brasil e que este havia dito que era o país onde a pesquisa com a metodologia da história oral era uma das que mais lhe impressionavam. O auditório veio abaixo em palmas e eu pensei com meus botões: porém, não vejo os pesquisadores e as pesquisadoras, que diz admirar tanto, citados em seus artigos e livros. E assim, o colonialismo cultural segue urdindo sua trama de

poder/saber.⁵

Em relação ao tema da política colonialista de americanos do Norte e europeus na governança da IOHA, Mercedes Vilanova pode ser considerada uma acadêmica diferenciada. Desde que começou a vir ao Brasil para participar de seminários, convidou diversos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros para publicar na revista *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Assim, tornou-se efetivamente uma parceira na divulgação das pesquisas que eram desenvolvidas no Brasil com a metodologia da história oral (Corrêa, 2013).

É nesse cenário que deve se situar a articulação que teve início entre latino-americanos, uma série de encontros que se sucederam a partir de 2005 na Colômbia. Os participantes daquele Seminário de História Oral Latino-Americano, em Bogotá, organizado pelo prof. Fábio Castro e sua equipe de docentes e estudantes, não tinham em mente construir uma articulação que resultaria na atual Rede Latino-Americana de História. Porém, a partir desse encontro, sucederam-se outros a cada dois anos, no Panamá, na Nicarágua, na Venezuela, em El Salvador, na Guatemala e, em 2024, foi realizado o X Encontro Latino-Americano de História Oral no México.⁶

Após esse breve relato de experiências vivenciadas com pesquisadoras e pesquisadores presentes na constituição da ABHO e em conferências da IOHA e na Rede Latino-Americana de História Oral, apresento algumas memórias de aprendizagens na utilização da metodologia da história oral.

Algumas aprendizagens

Após concluir o mestrado em História, tendo pesquisado, sobretudo, nos *Annaes da Camara dos Deputados e do Senado* do Império, os anos finais da escravidão, meu projeto de doutorado se voltou para as experiências históricas vivenciadas por trabalhadores e trabalhadoras na segunda metade do século XX.

O projeto era conhecer qual a memória histórica de parcela da população trabalhadora do Recife que tinha pouca ou nenhuma escolaridade formal. Nesse momento, a metodologia da história oral apresentou-se como uma alternativa para construir esse registro. Após pesquisar sobre instituições que desenvolveram projetos de história oral com a classe trabalhadora, foi-me sugerido conhecer o estudo realizado no início da década de 1980, na Universidade de Indiana, EUA, com os operários da fábrica de carro Studebaker, que encerrara suas atividades em 1966. Com o apoio do CNPq, fiz um estágio de dois meses no Center for Documentary Research and Practice

5 XIII Encontro Nacional de História Oral: história oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade. *In*: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/programacao>. Acesso em: 24 junho 2024.

6 Para mais informações sobre evento, consultar o *folder*. Disponível em: <https://ioha.org/wp-content/uploads/2023/11/cartel-X-encuentro-RELAHO-2.png>. Acesso em: 23 jun. 2024.

da referida universidade, quando ouvi e li as transcrições das cinquenta entrevistas com operários e funcionárias dessa fábrica de carros.⁷

O primeiro choque que essa documentação me causou foi devido à temporalidade. Concluíra um mestrado sobre a escravidão no Brasil nas duas décadas em que a documentação pesquisada estava caracterizada por discursos e eventos com datas que estabeleciam um antes e um depois, cronologicamente demarcados. Já os relatos dos ex-operários e funcionárias da fábrica Studebaker descreviam situações vivenciadas no cotidiano da fábrica, constituídas por observações, comentários, análises que não estavam localizadas numa temporalidade cronológica. Não existia um antes e um depois nas falas de eventos e situações vivenciadas, mas narrativas de memórias lembradas do que fora vivido. Foi ouvindo as entrevistas e anotando passagens que considerava significativas que pude compreender como era fundamental estabelecer conexões com distintos registros documentais. A pesquisa nesses registros é que permitiria formular questões e construir novos sentidos para aquelas memórias e, dessa maneira, elaborar uma narrativa historiográfica. Ao mesmo tempo, as leituras teóricas ajudaram a compreender algumas questões epistemológicas que estavam associadas à história linear e, por extensão, à temporalidade cronológica. Márcio Seligmann-Silva, ao comentar o livro do filósofo Vilém Flusser, *Ensaio sobre a fotografia*, para uma filosofia da técnica, destaca que com a criação da escrita surgia uma consciência histórica dirigida contra as imagens e o pensamento organizado segundo as leis de causa e efeito. Assim, se observa uma maior alienação do mundo, pois a escrita tende à conceitualização dele (Seligmann-Silva, 2022). As presentes reflexões concorreram para ampliar o entendimento das implicações sociais e políticas da história construída de maneira causal e cronológica.

Recentemente, li o livro *Nasci nas matas, nunca tive senhor*, do historiador Eurípedes Funes, que entrevistou, no final da década de 1990, povos mocambeiros da comunidade do Pacoval, nas margens do rio Curuá, no Estado do Pará. Por meio da metodologia da história oral, registrou memória histórica de eventos passados, transmitida por gerações de mocambeiros e mocambeiras do Baixo Amazonas. Ao final, como um tesouro escondido, ou por que não dizer, desconhecido para quem não tem referenciais teóricos metodológicos para apreendê-lo, ao autor foi possível conhecer lembranças, bastante esgarçadas, transmitida por gerações. Porém, ao estilo de Morelli, que recomendava em suas pesquisas sobre a autenticidade das pinturas “examinar os pormenores mais negligenciáveis” (Ginzburg, 1989, p.144), Eurípedes teve como inspiração o historiador Sidney Chalhoub, ao assinalar que “detalhes aparentemente marginais e irrelevantes são formas essenciais de acesso a uma determinada realidade: [...] detalhes que podem ser chaves para redes de significados especiais [...] inacessíveis

7 Ver mais informações sobre esse projeto desenvolvido na Universidade de Indiana no *site* da instituição. Disponível em: https://webapp1.dlib.indiana.edu/findingaids/view?doc.view=entire_text&docId=ohrc097. Acesso em: 23 jun. 2024.

por outros métodos” (Chalhoub, 1999, p. 17).

É por meio desses referenciais teóricos e metodológico que o autor, ao ouvir as memórias, mesmo que pareçam aos olhos do presente incompletas, quase apagadas e sem referenciais de sentido no presente, não as desconsidera. E seu trabalho de pesquisa nos arquivos será amplamente recompensado ao localizar documentos que se conectarão aos relatos das entrevistas gravadas. Dizem dois dos seus entrevistados, “seu” Santa Rita e dona Dica: “Se apresentaram ao governo, tudo muito bem, que mandou eles trabalhá [...] Quando foi um dia eles se aborreceram, vieram lá do tal de Rossá. Vieram, chegaram e disseram pro governo que eles tinham resolvido vim embora” (Raimunda Santana de Assis e José Santa Rita, 1992).⁸

Reconstruir por meio da pesquisa nos arquivos o significado histórico das palavras e das frases das mocambeiras e mocambeiros foi também a forma de romper com a memória cuja importância, há mais de um século, estava basicamente na tradição de lembranças de um passado preservado. Afinal, os curtos relatos que chegavam à contemporaneidade não davam a ver o mundo de histórias que elas carregavam e que se constituiriam em suporte legal para a legalização de terras quilombolas no Baixo Amazonas.

Assim, retorno à minha pesquisa/escuta/leitura das entrevistas com operários e funcionárias da fábrica Studebaker. Eles contaram que quando a fábrica encerrou suas atividades, muitos trabalhadores cometeram suicídio. Naquele momento, senti-me inteiramente sem referenciais. Sobretudo porque havia lido uma passagem do livro *The voice of the past: oral history* (1978), que dizia que toda entrevista transcrita se tornava o mesmo que um documento escrito. Após alguns meses de estudo e reflexão sobre como narrar uma história com testemunhos de história oral, compreendi que aqueles eram rastros de memórias que prescindiam da sucessão cronológica por remeter a um tema que deveria ser estudado em diversos planos. Ou seja: estudo das relações de exploração patrão, operários e funcionárias administrativas naquela fábrica; análise da legislação trabalhista estadual; pesquisa sobre a política de seguridade social; levantamento e estudo dos possíveis registros na imprensa; entre outros registros documentais. Estabelecer essa rede documental se tornava fundamental para elaborar uma narrativa sobre o que os operários diziam ter ocorrido com o fechamento da fábrica a diversos operários.

Desconstruir o historiador natural

No cenário de múltiplas aprendizagens, Maurice Halbwachs com suas reflexões sobre pesquisa em diferentes grupos na França nas primeiras décadas do século XX, foi inspirador, sobretudo quando pude compreender que toda memória individual

8 Funes (2022, p. 63).

é também social. Ou seja, não há memória individual pura, pois tudo é aprendido. Precisariamos inventar um termo que contemple essa relação de indissolubilidade entre a memória pessoal e a social (Halbwachs, 1990 p. 51).

O caráter relacional entre essas duas memórias possibilitou o entendimento de que, ao gravar um testemunho de um evento e ou de uma vivência, ele terá sido compartilhado por outras pessoas. Ou seja, aquela memória também é social, por mais particular que a narrativa seja apresentada.

Sobre o tema da memória interligada (individual/social), compartilho dois registros documentais. O primeiro, o testemunho de José de Aguiar, líder operário da fábrica têxtil da Macaxeira no Recife, entrevistado no final da década de 1980. Ao rememorar o período da ditadura, resultado do golpe militar em 1964, afirmou:

O silêncio! Entrou no coração de todos, fez com que nós ficasse disfarçado uns aos outros. Procurava os companheiros para conversar comigo e não encontrava, o companheiro não visitava minha casa, o companheiro não me acompanhava para o trabalho e também não me acompanhava de volta para casa e eu passei os seis meses andando sozinho sem ninguém chegar na minha casa. Até mesmo os próprios companheiros de partido tiveram medo ou que se assombraram ou que não se aproximaram. Fiquei isolado de visita, de tudo, se não o caminho que tinha para mim era o caminho da Igreja, a donde eu, nos domingos, ia assistir à celebração da missa e que lá eu recebia aquela comunhão e buscava conforto para que pudesse voltar diante dos companheiros àquela vida. Foi passando para anos o silêncio era a mesma coisa e tudo na vista da gente tinha desaparecido, as mobilizações, sindicato, não se falava na fábrica ou em parte alguma durante esses anos. (José Severino de Aguiar, 1987).

Esse testemunho de José de Aguiar, em que o silêncio se transforma na representação central para narrar sua memória dos tempos da ditadura, não é uma experiência única de um operário têxtil, comunista e católico. Ao ler seu relato é possível perceber a descrição de um conjunto de comportamentos em que as conversas, o companheirismo das visitas e das caminhadas com os companheiros desaparecem. O medo se instala, embora José de Aguiar, com sua sabedoria, encontre na cerimônia religiosa aos domingos um momento de “conforto” e esperança para que os tempos das mobilizações retornem.

O segundo registro documental sobre o tema do silêncio como sinônimo do medo que se instala entre as pessoas e cerceia a vida coletiva, localizei numa pesquisa sobre a criação da diocese da cidade de Palmares, em Pernambuco, no ano de 1962. O bispo nomeado para a nova diocese de Palmares, dom Acácio Rodrigues Alves, deixou registrado no Livro de Tombo as experiências políticas vivenciadas nos primeiros anos do seu bispado:

Estes primeiros anos da diocese foi um período difícil por causa da grande efervescência política. Surgiu, então, a revolução de 1964. Palmares foi chamada de ‘Moscuzinho’ de Pernambuco. A Igreja ficou entre dois fogos: os que gritavam: ‘abaixo os comunistas’ e os que gritavam ‘abaixo os entreguistas’. Muitos agentes de pastoral fugiram; dois líderes estudantis que tínhamos fugiram. Criou-se um clima de muita tensão entre a Igreja e o Estado. Pediram-me para celebrar uma missa em ação de graças porque tínhamos terminado com o comunismo e não celebrei. A nossa igreja não estava nem do lado do comunismo nem do capitalismo. Foi a época de silêncio na nossa pastoral. Eles queriam restringir o trabalho da Igreja à sacristia. Nesta situação, em lugar de optar pela denúncia pública, optamos por trabalhar na surdina. Eu me considerava como um pigmeu diante da situação; Dom Helder se ofereceu para ser nosso porta-voz. Ele denunciava a situação fora e dentro do país. Passou algum tempo e a nossa Igreja foi se reorganizando e tomando nova vida. Chegaram novos padres e novas comunidades de religiosas. (Lemos, 2013, p. 73).

Esse registro de memórias do prelado sobre aqueles anos após o golpe de 1964 revela um cenário de radicalização política e os desafios enfrentados por um religioso que não aceitava as imposições dos grupos que passaram a ter o controle do Estado. A expressão “época de silêncio na nossa pastoral” salta à vista e pode ser compreendida também como uma época de medo, sobretudo ao reivindicar direitos e realizar trabalhos sociais.

Apesar de o bispo e o operário não se conhecerem e de os registros da perspectiva de ambos sobre o período do golpe de 1964 terem sido feitos de forma inteiramente distintas – o prelado, como diário de memória no Livro de Tombo da Diocese de Palmares, e o operário ao ser entrevistado – eles recorrem à mesma palavra, *silêncio*, para dar significado à experiência social e política rememorada, que revela inúmeras similitudes na diferença. Nesse momento, retorno à reflexão de Maurice Halbwachs que, em seu *Memória coletiva*, estabelece uma profícua reflexão de como não há memória individual que não seja também social (Halbwachs, 1990).

Considerações finais

Este artigo se constitui de diversos relatos, fragmentos de situações vivenciadas nos anos de constituição da ABHO e também da IOHA quando das eleições de suas primeiras diretorias. O convívio com colegas de distintas universidades e centros de pesquisa do Brasil possibilitou ampliar de forma significativa o conhecimento das valiosas pesquisas que eram realizadas sobretudo com a expansão das pós-graduações em História em todo Brasil. Ao mesmo tempo, foi um aprendizado e um desafio

contribuir para que a ABHO se fortalecesse como representação democrática e ética de pesquisadoras e pesquisadores que buscam sempre a excelência acadêmica em suas pesquisas e publicações.

Neste artigo, também relato algumas aprendizagens fundamentais que a utilização da metodologia da história oral propiciou e continua a possibilitar no meu ofício de historiador. Como relatei, o uso das entrevistas orais nos textos historiográficos que elaborei apontaram para a necessidade de ruptura com a narrativa cronológica e também a necessidade de ampliar o entendimento teórico sobre a memória. Desejo que o percurso escriturário realizado neste artigo contribua para outras análises e estudos sobre a ABHO, a IOHA e a metodologia da história oral.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORRÊA, Ricardo Santhiago. *Método, metodologia, campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2013.

CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FUNES, Eurípedes Antônio. *Nasci nas matas, nunca tive senhor*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2022.

FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

GRELE, Ronald J. *Envelopes of sound: the art of Oral History*. Chicago: Precedent Pub., 1985.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LEMONS, Sandro Rogério Feitosa de. *Sob o signo da cruz: presença da Igreja Católica na Mata Sul de Pernambuco – a Diocese de Palmares (1962-2000)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Unicap, Recife, PE, 2013.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Entrevista com Ronald Grele: considerações sobre história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 559-573, set./dez 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

THOMPSON, Paul. *The voice of the past: oral history*. United Kingdom: Oxford University Press, 1978.

VILANOVA, Mercedes. Palabras inaugurais da X Conferência Internacional de História Oral (Rio de Janeiro, 14 de junho de 1998). *História, Antropologia e Fuentes Orales*, Barcelona, n. 20, p. 161-163, 1998.

VILANOVA, Mercedes. Significado do X Congresso Internacional de História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 19-21.

VILANOVA, Mercedes. Entrevista com Mercedes Vilanova: presidente da Associação Internacional de História Oral, gestões 1996-1998 e 1998-2000. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 149-164 2001. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/41/35>. Acesso em: 24 maio 2024.

VILANOVA, Mercedes. Cómo surgió la IOHA: de Goteborg a Estambul. *Palabras y Silencios*, v. 1, n.1, p. 23-29, jun. 2002.

Fontes orais

AGUIAR, José Severino de [63 anos]. [set. 1987]. Entrevistador: Antonio Torres Montenegro. Recife, PE, set. 1987.

ASSIS, Raimunda Santana de [87 anos]. [jun. 1992]. Entrevistador: Eurípides Antônio Funes. Pacoval, PA, jun. 1992.

RITA, José Santa [70 anos]. [fev. 1992]. Entrevistador: Eurípides Antônio Funes. Pacoval, PA, fev. 1992.

Recebido em 03/07/2024

Versão final reapresentada em 15/07/2024

Aprovado em 26/08/2024

Fonte de financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conflitos de interesse: nada a declarar.